

**INTERSECCIONALIDADES DO SUJEITO SURDO: O SLAM
COMO EVENTO DE LETRAMENTO NO CONTEXTO
DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS BILÍNGUES**

Gabryelli Pereira Barbosa da Silva (UFRJ)

gabryellipereira@letras.ufrj.br

João Paulo da Silva Nascimento (UERJ)

jpn0401@gmail.com

RESUMO

Este artigo investiga as relações entre práticas pedagógicas, interseccionalidades, letramento crítico e enunciação poética no contexto da surdez, propondo o slam surdo como alternativa pedagógica e cultural capaz de valorizar a língua de sinais e as identidades surdas. Partindo da constatação de que a educação bilíngue vigente ainda privilegia modelos culturalmente ouvintes e excludentes, discutimos como a poesia visual em Libras pode potencializar processos de resistência, formação crítica e expressão subjetiva do sujeito surdo. A análise da obra “O Mudinho”, de autoria do *slammer* surdo Edinho Santos, evidencia como a *performance* poética denuncia o capacitismo e promove a visibilidade das experiências surdas em sua dimensão interseccional. O artigo organiza-se em três eixos: a discussão sobre o movimento de slam surdo no Brasil, a problematização da constituição do sujeito surdo por discursos conflitantes e a defesa do slam surdo como potência para uma pedagogia bilíngue interseccional.

Palavras-chave:

Slam surdo. Pedagogia Bilíngue Interseccional. Ensino de Literatura Surda.

ABSTRACT

This article investigates the relationships between pedagogical practices, intersectionalities, critical literacy, and poetic enunciation in the context of deafness, proposing Deaf Slam as a pedagogical and cultural alternative capable of valuing sign language and deaf identities. Based on the observation that current bilingual education still privileges culturally hearing and exclusionary models, we discuss how visual poetry in sign language can foster processes of resistance, critical formation, and subjective expression of the deaf subject. The analysis of the work “O Mudinho”, authored by the deaf *slammer* Edinho Santos, highlights how poetic performance denounces ableism and promotes the visibility of deaf experiences in their intersectional dimension. The article is organized into three main axes: the discussion of the Deaf Slam movement in Brazil, the problematization of the constitution of the deaf subject by conflicting discourses, and the defense of Deaf Slam as a potential force for an intersectional bilingual pedagogy.

Keywords:

Deaf Slam. Deaf Literature Teaching. Intersectional Bilingual Pedagogy.

1. Introdução

O presente trabalho traz como objetivo entender qual é a relação possível de ser estabelecida quando os temas são práticas pedagógicas, interseccionalidades, letramento crítico e enunciação poética no contexto da surdez, de modo a pavimentar caminhos para mudanças significativas para o sujeito surdo. Desse modo, buscamos promover aos leitores a reflexão de que o corpo, as línguas de sinais e as experiências interseccionais vividas pelos sujeitos surdos podem se articular com as formas em que determinadas práticas pedagógicas são aplicadas no ensino, as quais podem ser positivas se valorizarem as identidades e formas de expressão do povo surdo.

Essas provocações partem de uma problemática central que ainda se verifica nos dias atuais no que se refere à educação bilíngue de/para/com surdos: a despeito da legislação vigente, a maior parte das escolas utilizam planos de estudos e práticas pedagógicas que não se adaptam às singularidades surdas (Sutton-Spence, 2021). Aparentemente, os modelos de educação vigentes, mesmo aqueles pretensiosamente bilíngues, tendem a aplicar, ainda na alfabetização, práticas e materiais focados em uma aprendizagem culturalmente ouvinte, com métodos tradicionais que corroboram para um ensino excludente e para o silenciamento das formas legítimas de expressão surda (Mattos, 2023).

Nessa perspectiva, neste texto, apresentamos o slam surdo como alternativa viável para romper com o seguimento de práticas que não incluem de maneira efetiva o povo surdo. Este tipo de poesia visual une as *performances* poéticas e a Libras com os temas sociais, identitários e culturais a serem apresentados e debatidos por meio de práticas artísticas, se mostrando altamente capaz de educar e politizar (Nascimento *et al.*, 2024; Nascimento *et al.*, 2025). Com isso, entendemos que o slam surdo valoriza o incentivo ao letramento crítico e à expressão subjetiva e poética do sujeito surdo, para que este seja capaz de se enxergar como um corpo social, ou seja, se identificar com causas sociais em que o sujeito involuntariamente ou facultativamente se insere, abrindo espaço para que ele seja capaz de narrar sua vivência e elaborar criticamente as múltiplas opressões que atravessam seu corpo performado: o capacitismo, o racismo, o feminicídio, entre outras.

Neste propósito, será analisada neste artigo a obra de autoria do *slammer* surdo Edinho Santos. A poesia criada e performada por ele, em relação a qual empreendemos um gesto de leitura, intitula-se “O Mudi-

inho” e aborda, principalmente, o capacitismo sofrido desde a sua infância. Neste poema-performance, Edinho Santos traz à tona o preconceito sofrido pelo surdo e o silenciamento das camadas minoritárias, enfatizando, por meio de atos de resistência, a necessidade de se impor como um ser surdo e identitário. À vista dessa leitura, engendramos um questionamento basilar às nossas pretensões: de que maneira práticas pedagógicas baseadas na visualidade e na *performance*, que considerem, por exemplo, o slam surdo, podem promover o letramento crítico e a enunciação poética de sujeitos surdos interseccionais, respeitando suas formas de linguagem e suas experiências singulares?

Considerando que essa discussão seja fundamental para (re)pensar uma educação bilíngue e inclusiva capaz de valorizar a língua de sinais como meio legítimo de produção de conhecimento, arte e crítica social, o presente artigo organiza-se em três seções principais: a primeira apresenta uma breve discussão sobre o movimento de slam surdo no Brasil; a segunda aborda a noção de sujeito surdo como produto de discursos conflitantes; e a terceira articula o slam surdo como potência para a construção de uma pedagogia bilíngue interseccional.

2. Quando o corpo é poesia

De acordo com Moreno, Guisantes e Cella (2024), a literatura é um elemento essencial para a formação do cidadão, já que se caracteriza como um direito humano (Candido, 1995). Sutton-Spence e Kaneko (2016, p. 24) afirmam que “a literatura é qualquer corpo de produção baseado na linguagem que é considerado socialmente, historicamente, religiosamente, culturalmente ou linguísticamente importante para a comunidade”. Ela atribui a si formas de expressões culturalmente marcadas pelas maneiras nas quais os indivíduos são capazes de transmitir suas emoções, ideias, histórias e visões de mundo.

Por isso, é fundamental destacar a literatura como um elemento multifacetado, ou seja, que assume formas, funções e linguagens diferentes, inserindo-se no contexto histórico, cultural e social. Nesse sentido, dialogamos diretamente com a visão de que existe literatura surda, sendo ela uma das facetas existentes no conceito geral do que é literatura, e para esse reconhecimento ocorrer, é preciso desmistificar a ideia de que a literatura está centrada na escrita e considerá-la como um elemento que utiliza da língua estética, desconstruindo barreiras para novas formas de ex-

pressões, sejam as materializadas em línguas orais-auditivas ou visuais-espaciais.

Sutton-Spence (2021) afirma que a literatura visa o entretenimento e a transmissão de um sentimento prazeroso ao entrar em contato com as obras. Paralelamente, as escolas apresentam a literatura desde a infância dos alunos, por isso, é comum encontrar nos ambientes escolares, ainda no maternal, professores contando histórias para os/as pequenos/as e, conforme o crescimento do/a estudante, é natural haver aulas voltadas para uma roda de leitura ou seleções de livros para que sejam lidos em casa.

Nesse viés, está implícita a oportunidade que os educadores têm de aproveitar o contato com a literatura, produzida inicialmente para o divertimento, para alcançar novas sinapses dos alunos e gerar, através dos contos, múltiplas aprendizagens, que vão desde o ensinamento do conteúdo e das características estruturais de uma literatura nacional ao ensinamento para a associação dos contos à vida real, do individual ao coletivo.

Somado a isso, é possível destacar a ideia do poeta romano Ovídio quando o mesmo disse que a literatura busca “ensinar por encantar”. De fato, há empenhos para que este ensinamento nas escolas aconteça, mas, por outro lado, esse percurso não pode ser tratado como padronizado, uma vez que não ocorre de modo equitativo para todos.

No momento em que buscamos refletir sobre a apresentação da literatura nas escolas e focamos principalmente no contexto bilíngue, notamos que, de acordo com Sutton-Spence (2021, p. 238), “em relação a sua distribuição e seu *status*, a literatura em Libras é uma forma de arte ainda precária. Com pouquíssimas exceções, ainda não é amplamente ensinada nas escolas e raramente no ensino superior”.

Sob essa ótica, concluímos que a literatura oferecida e desenvolvida em sala de aula é intrínseca à cultura ouvinte, tornando favorável e proveitoso para os alunos que escutam; em contrapartida, a sensação de prazer que deveria ser gerada também no contato da literatura com os estudantes surdos vai em desencontro dessa máxima. É nessa perspectiva que se evidencia a importância da literatura surda no meio escolar, pois as obras estariam diretamente ligadas a essa cultura, tornando-se mais atrativa e adequada aos alunos.

A apresentação da literatura surda permite uma aprendizagem que se destaca pelo conhecimento do uso da Libras, o seu desenvolvimento e entendimento dos limites linguísticos próprios e da língua de sinais (Heinzelman, 2014), a estimulação de comportamentos e habilidades sociais, além do acultramento, entendendo o seu corpo como parte ativa de uma sociedade e a criação e manutenção da sua identidade (Sutton-Spence, 2021).

Com o propósito de alcançar na massa o estímulo à cultura, a reivindicação dos seus direitos, o reconhecimento do ser surdo como ser crítico, pensante e ativo socialmente, como também a oportunidade dos surdos de se expressarem e trazer visibilidade para a marginalização sofrida durante anos, surge o slam surdo, uma manifestação poética visual, realizada em Língua Brasileira de Sinais (Libras), em que pessoas surdas expressam sentimentos, ideias e vivências por meio do corpo, dos gestos e das expressões faciais.

O Slam Resistência Surda, conhecido movimento ligado ao slam surdo, foi criado em meados dos anos de 2018 pela multiartista, poeta, slammer, atriz, diretora teatral e bacharel em artes cênicas pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Gabriela Grigolom, também conhecida como Negabi, com o intuito de criar um espaço preparado especialmente para a comunidade surda se expressar poeticamente, diferente do Slam do Corpo, movimento criado em 2014 que dava a oportunidade para surdos e também ouvintes narrarem suas poesias oralmente ou em Libras.

Negabi, uma mulher que carrega uma história de luta e superação, devido às violências sofridas em seu antigo relacionamento conjugal e à experiência de ser mãe com ausência da figura paterna, hoje é conhecida como símbolo da resistência negra, feminina e surda. Após se aventurar em apresentações no slam em diversos movimentos, percebeu a necessidade de criar o próprio, em que os surdos fossem a porta-voz da arte, resiliência e luta. Instituiu regras a serem seguidas para que cada slam pudesse ser narrado e realizou o primeiro evento na praça Cavalão Babão, localizado em Curitiba. Após a primeira edição, o slam surdo ganhou força e foi disseminado, surgindo novos movimentos e incentivando diversos grupos da comunidade a criarem suas poesias e as apresentarem ao público.

Um slammer que ganhou destaque para além dos eventos do slam surdo, é conhecido como Edinho Poesia. Edivaldo Santos, como descrito

em sua certidão, é um homem surdo, negro e periférico que ao longo de sua vida nas favelas da zona sul de São Paulo, experienciou inúmeros casos de capacitismo, racismo e preconceito. Edinho, menino que teve uma infância leve, em que brincava com seus irmãos ouvintes de maneira tranquila, ainda que divertida, já vivenciava a exclusão nas pequenas tentativas de interações com ouvintes, quando não conseguia se inteirar sobre os assuntos, visto que, poucos usavam as línguas de sinais. Sua interação com a comunidade surda se fortaleceu, após completar seus 13 anos de idade, quando com maior independência começou a se encontrar e compartilhar experiências com seus amigos surdos.

Santos teve a oportunidade de estudar até os 15 anos, através de uma bolsa, em uma escola especializada no ensino de pessoas surdas. Foi neste período de estudo que seu interesse pela arte foi estabelecido, pois em sua instituição de ensino havia atividades culturais conveniadas ao Museu de Arte Moderna (MAM), localizado em São Paulo. Seu trajeto permaneceu sendo traçado e ao alcançar a vida adulta, ingressou em alguns trabalhos de âmbito formal, entretanto, o racismo perpetuado, tendo em vista a sua cor, cabelo e modo de se vestir, levou Edivaldo Santos a recorrer a sua ex-professora para que conseguisse um emprego ligado ao que tanto tocava Edinho: a arte. Assim, ele ingressou como educador no MAM.

Após o seu contato com a arte, Edinho descobriu no seu corpo a habilidade de ser a própria arte e poesia, fazendo de suas histórias e memórias conteúdo político e performático, sendo dessa maneira não mais conhecido apenas como Edvaldo ou Edinho Santos, mas como Edinho Poesia. Dentre as obras já criadas e apresentadas por ele, uma ganhou grande repercussão nas mídias em que foi divulgada: “O Mudinho”. Nesta obra, que pode ser acessada em vídeo da *performance*, Edinho Poesia se inspirou em sua luta de vida, a qual, mesmo que particular, engloba um coletivo de surdos que se identificam com o enredo e se veem representados na história.

Por meio de “O Mudinho”, é possível ter uma profunda reflexão sobre o capacitismo e outros diversos sentimentos que são desencadeados pelo público que assiste, se identifica e vivencia as mesmas experiências, sendo a *performance*, a nosso ver, um material de ensino rico e símbolo de resistência. A obra é um importante recurso possível de ser apresentado em sala de aula, capacitando o despertar nos alunos para um sentimento de pertencimento, revolta e luta pelo tratamento digno, e o reconhecimento das injustiças e dos temas como capacitismo, preconceito,

dentre outros. Assim, após o conhecimento pleno construído estariam letrados criticamente contra a perpetuação das injustiças como também seriam possibilitados de se motivarem a se tornarem autores de suas performances como enunciação poética.

3. *Entre presença e ausência: embates sobre o sujeito surdo*

De acordo com Strobel (2009), durante muitos anos, os surdos foram vistos como seres incapazes de pensar e falar, animais irracionais. Essa ideia era fortemente afirmada e disseminada na população até o final da Idade Média, corroborada até mesmo pelo filósofo de grande influência, Aristóteles (384–322 a.C.), que afirmava que os indivíduos que nasciam surdos, paralelamente, seriam mudos e, dessa forma, incapazes de pronunciar palavras. Outros pensamentos existentes nos períodos passados são os que determinaram que uma criança que vem ao mundo sem a capacidade de ouvir seria louca e afirmavam que sua condição era derivada de uma punição divina, corroborando para a exclusão social, como também para a imposição de barreiras para a educação formal desses indivíduos e o impedimento de exercerem seus direitos dentro da sociedade.

Com o passar dos anos, após lutas, os surdos conquistaram o acesso à educação. Contudo, o ensino estabelecido não era o de maior adequação, pois não priorizava as línguas de sinais como naturais, mas sim, a criação dos sinais ocorria na busca pela oralização do indivíduo. Logo, o alfabeto manual inventado na época servia como ponte para alcançar a aprendizagem da língua oral-auditiva, majoritária. Entretanto, as aulas eram dedicadas apenas aos filhos da nobreza, cujos pais mantinham casamentos consanguíneos. As crianças surdas pertencentes à aristocracia espanhola tiveram acesso às aulas dos primeiros pesquisadores e educadores de surdos da época como, por exemplo, o monge espanhol de grande destaque, Pedro Ponce de León (1520–1584), por volta do século XVI.

Também o século XVI marcou o período de desconstrução da imagem antes criada sobre os surdos quanto a sua suposta irracionalidade e as imposições que a eles eram feitas. O Abade Charles Michael de L'Épée (1712–1789), educador francês que reconheceu a língua de sinais como meio legítimo de comunicação, lutou pelo direito à educação de pessoas surdas. L'Épée foi o fundador do Instituto Nacional para Surdos-Mudos de Paris, uma escola voltada para o ensino de pessoas surdas. Sua

atitude e pensamento influenciaram a fundação de outras escolas pelo mundo que procuraram ensinar os surdos, incentivando uma visão menos estereotipada desses sujeitos, fornecendo-lhes direitos básicos, como a comunicação por meio das línguas de sinais e o acesso à educação.

Um dos países afetados positivamente pela ideia e os métodos de Abade Charles Michael de L'Épée foi o Brasil, onde em meados do ano de 1855, o professor que se tornou surdo aos 12 anos de idade, Hernest Huet, veio ao Brasil, a convite de Dom Pedro II, e juntos criaram o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, atualmente conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), localizado em Laranjeiras, bairro do Rio de Janeiro.

Ao passo que essas pequenas e revolucionárias conquistas ocorriam, os surdos iniciavam o processo de se enxergarem como, de fato, seres pensantes, pertencentes a uma cultura própria e aptos a ocuparem espaços com dignidade, caminhando contra o que o audismo ainda muito presente na sociedade.

Diante desse cenário, os processos que marcavam a história pareciam ocorrer de forma evolutiva. Entretanto, a realidade foi brutalmente alterada quando, em 1880, o Congresso de Milão, ocorrido na Itália, instituiu que a partir daquele momento as línguas de sinais não seriam mais permitidas como forma legítima de comunicação e predominaria nas escolas o ensino com o método oralista. Escolas de surdos do mundo inteiro deixaram abruptamente de ensinar as línguas de sinais e professores deixaram de utilizá-las nas instituições de ensino durante um período de 100 anos.

De acordo com Skliar (2013), esse período foi marcado pela tentativa de correção e normalização de uma violência institucional, pois todas as comunicações por meio de sinais eram usadas de maneira discreta e velada. Em contrapartida, essa imposição não foi aceita com facilidade pelo povo: a comunidade surda se uniu em ato de resistência até que a exigência do oralismo caísse por terra.

Analisando especialmente como os surdos eram vistos pela sociedade, tornam-se evidentes as dificuldades e as injustiças que tiveram de enfrentar involuntariamente, por causa de uma maioria ouvinte privilegiada que determinava de que maneira os surdos deveriam ser tratados. Atualmente, os conhecimentos sobre o que é ser surdo mudaram e já não se encontram medidas tão severas sendo tomadas pelas camadas de poder. Entretanto, ainda com esses avanços e conquistas do povo surdo, as

lutas se mantêm ativas, visto que, independentemente de toda a tecnologia e informação que vimos adquirindo com o passar dos anos, a hegemonia ouvinte criou o conceito clínico de “surdez” e junto a ele a necessidade de enquadrar os surdos aos padrões orais e ouvintes.

De acordo com Nascimento (2025), a surdez é percebida pelo oralismo como uma deficiência que carece de uma minimização por intermédio da estimulação auditiva. Semelhante aos períodos passados, passou a existir um forte estímulo à oralização e ao uso de aparelhos auditivos como forma de corrigir uma deficiência, a surdez, enxergada como um erro que tem a possibilidade de ser reparado clinicamente.

Como pensado por Lane (1992), quando os ouvintes conceitualizam e estereotipizam a surdez, a enxergam como falta e não como presença de algo (*e.g.* uma outra identidade), o que fortalece o discurso da busca ao alcance da “normalização” do surdo defendido por parte de uma sociedade ignorante. Esse movimento, totalmente incoerente à visão sociocultural da surdez que se encontra no cerne do movimento slam surdo e do debate sobre interseccionalidades, traz como consequência a negação das singularidades surdas constituídas pela sua cultura, língua e identidade, uma vez que, a homogeneização cultural e linguística imposta por meio do oralismo é uma tentativa clara, ainda que implícita, de alternância comunitária e identitária do cidadão surdo (Santos; Grigolom; Medeiros, 2020).

Por outro lado, a visão sociocultural da surdez rompe com a perspectiva clínica/audista, que a reduz a uma deficiência a ser corrigida. Nesta perspectiva, se reconhece a surdez como uma diferença linguística, cultural e identitária. Portanto, a comunidade surda é compreendida como um grupo minoritário que compartilha as línguas de sinais, práticas culturais, formas de expressão artística e modos de ser no mundo (Sacks, 1983; Nascimento; Baalbaki; Anachoreta, 2025). Ao assumir a surdez como marcador de identidade, esse paradigma valoriza as experiências visuais-espaciais dos sujeitos surdos e combate o silenciamento historicamente imposto pela hegemonia ouvinte, reafirmando que o ser surdo é dotado de plenas capacidades cognitivas, comunicativas e criativas.

O slam surdo exemplifica de modo contundente essa visão sociocultural ao constituir um espaço em que a Libras é não apenas o meio de comunicação, mas também o veículo estético de arte e resistência, conforme Nascimento *et al.* (2024; 2025) afirmam. Na *performance* poética, o corpo surdo é legitimado como produtor de sentidos, narrador de vi-

vências e agente crítico capaz de denunciar opressões como o capacitismo, o racismo e o machismo. Essa prática de linguagem, literária e visual, dá visibilidade às subjetividades surdas, ao mesmo tempo em que fortalece laços comunitários e promove o letramento crítico, mostrando que a surdez não é ausência, mas presença de uma cultura viva, pulsante e politicamente engajada. Assim, entendemos que o slam surdo materializa a dimensão sociocultural da surdez, tornando-se um ato de afirmação identitária e de produção de conhecimento.

4. O slam surdo e a pedagogia bilíngue interseccional

Apesar das constantes tentativas de imposição cultural e da pressão para a adequação aos padrões ouvintes, a comunidade surda resiste de forma ativa, rompendo com as representações de deficiência que a hegemonia insiste em perpetuar ao conceituar o sujeito surdo. Nesse movimento de resistência, reafirma seus direitos, delimita seus espaços de existência e não se submete às crenças e expectativas impostas pela cultura majoritária ouvinte. Como afirma Lopes (2007),

A comunidade surda vem resistindo durante anos às práticas e aos saberes ouvintes em geral sustentados institucionalmente em associações médicas, em clínicas médicas, de fonoaudiologia, de psicologia, em escolas e institutos educacionais e de correção de voz. Acusadas de desviarem os surdos do tratamento de que eles necessitam para estarem em uma sociedade majoritariamente ouvinte, as comunidades surdas ainda precisam criar estratégias para sobreviver e garantir aos surdos um espaço de identidade. (Lopes, 2007, p. 76)

Enxergamos, através desse cenário, o sujeito surdo como um ser crítico e politizado, que não permite aceitar a marginalização em silêncio. No entanto, esse letramento crítico não surge de uma completa inerência ao indivíduo, ou seja, o senso crítico sobre os diversos temas sociais aparecem conforme o ser humano é apresentado aos casos, ao passo em que vivenciam e aprendem sobre determinados assuntos.

Além das experiências sociais audistas que o sujeito surdo terá de enfrentar, a escola também é capaz de desempenhar um importante papel na construção do senso crítico dos alunos. Temos a escola como fonte primária do saber, visto que ela é a grande responsável pela formação do indivíduo, pois é dentro de uma instituição de ensino que os discentes aprenderão a desenvolver suas percepções de mundo, suas habilidades socioemocionais e senso crítico. É ali que surgem possibilidades de aprenderem a se posicionar social e politicamente, um movimento que

influencia a construção de seres que lutam por uma sociedade mais equitativa.

Existem inúmeras maneiras de trabalhar esses aspectos durante o ensino, sendo uma delas o contato com a literatura. As obras, quando bem selecionadas, conseguem dar significado maior à sensação de prazer promovida pelo encontro com as práticas literárias, alcançando também o teor pedagógico. Nesse debate, entendemos que

Um aluno que se sente animado vai aprender melhor e a contação de histórias (de forma apropriada, e usando histórias ou poemas bem escolhidos) vai criar um ambiente mais agradável e propício para a aprendizagem de quase qualquer assunto. Mas se o professor só conta uma história, sem ter um objetivo didático, isso pode acarretar na perda de uma oportunidade de ensino e aprendizagem. (Sutton-Spence, 2021, p. 239)

Cabe destacar, quando evidenciamos a necessidade de haver obras literárias bem selecionadas, que este fato implica o reconhecimento das diferentes culturas em uma mesma sala de aula. No caso de uma escola bilíngue voltada para surdos, um aluno não aprenderá de forma semelhante proveitosa como um aluno ouvinte se o material literário estiver inclinado puramente às culturas das línguas oral-auditivas, visto que suas percepções de mundo são diferentes e sua língua também. Nesse sentido, usar uma literatura voltada para a cultura ouvinte em busca do ensinamento de crianças surdas é um método inadequado e por vezes ineficaz, uma vez que

[...] o canal comunicativo da língua oral e o da língua de sinais são de modalidades diferentes. A escrita do Português é de base alfabética, o que implica o uso de símbolos (grafemas) para representar os fonemas (sons) que para o surdo não faz qualquer sentido. (Nobre, 2015, p. 3093)

Por isso, utilizar a literatura em Libras como recurso para o ensino e o desenvolvimento do senso crítico dos alunos surdos se mostra imprescindível na formação desses sujeitos. A literatura surda consiste, de acordo com Karnopp (2006), na produção de obras em língua de sinais, desenvolvida por e para surdos, com o objetivo de preservar e expandir a comunidade surda e sua cultura. Ela existe desde os primórdios, mas seus modos de registro eram limitados e pouco sistemáticos; somente em períodos mais recentes, com o avanço das tecnologias, foi possível consolidar formas mais eficazes de documentação e preservação dessas produções. Dito isso, com todos esses anos de criação, preparação e desenvolvimento, a literatura em língua de sinais é rica em formas e estruturas, sendo conhecida por meio das narrativas, dos teatros, das piadas, das poesias, entre outros.

Um dos gêneros presentes na literatura e de grande relevância, como já dissemos, é o slam surdo. Assim como os demais gêneros literários, ele permite aos surdos desenvolverem apreensões de saberes contidos nas obras, o que justifica afirmá-los como uma “literatura do reconhecimento” (Carvalho, 2014, p. 77) e, por isso, assume caráter de primordial importância para a minoria linguística que deseja “afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas” (Karnopp, 2006, p. 100).

Ao compreendermos as principais vantagens da inclusão da literatura surda nas práticas pedagógicas bilíngues e interseccionais, enxergamos a escola como ponte para o conhecimento de mundo, já que através do emprego da arte literária de forma dinâmica e explorada, a instituição alcança seus objetivos na formação de alunos, como, por exemplo, o desenvolvimento das percepções de mundo, das habilidades socioemocionais, dos pensamentos críticos, da conscientização sobre seus direitos e deveres e do impacto de seus posicionamentos sociais e políticos.

Nesse viés de influência escolar, podemos citar Edinho Poesia e sua história como comprovação da importância de uma escola bilíngue engajada na arte e na inclusão. Edinho estudou em uma escola especializada na educação de surdos, mas além do respeito ao uso da língua de sinais e formas de expressão, sua instituição o impulsionava a novos horizontes. O contato com a arte, desde muito novo, fornecido pela sua instituição de ensino, proporcionou a Edinho uma visão de mundo mais aguçada e consolidada. Ademais, tal prática lhe propiciou o interesse pela poesia e a relação com a literatura em sua língua materna permitiu que ele desenvolvesse a habilidade de autoria poética.

Hoje, Edinho Poesia é um dos grandes nomes do slam surdo e um homem que, por meio dos conhecimentos estabelecidos durante a fase escolar, faz uso de seu letramento crítico para, em forma de enunciação poética, testemunhar suas experiências de vida como ato político, incentivador e encorajador para outros surdos.

Assim como Edinho Santos foi profundamente marcado pelo contato com a arte literária ainda na infância, no espaço escolar, muitos outros alunos surdos também podem vivenciar experiências transformadoras. Para isso, é fundamental que não apenas as escolas especializadas, mas também as escolas bilíngues, incluam a literatura surda em seus currículos, sobretudo aquelas situadas em regiões periféricas, onde se concentra a maioria das crianças pretas e pobres, historicamente afetadas por

desigualdades sociais, raciais e de classe. As apresentações de slam desenvolvidas nesse contexto abordam temáticas ligadas a gênero, raça, classe e preconceitos diversos, permitindo que os estudantes, por meio da representatividade, construam uma consciência crítica e formem suas próprias opiniões sobre o meio social em que estão inseridos.

Um exemplo de material que pode ser utilizado para conscientizar crianças é a obra de Edinho Poesia, “O Mudinho”, da qual selecionamos o trecho a seguir:

Quando eu era pequeno diziam: ‘*mudinho, mudinho, mudinho*’
Eu já homem feito e barbado, e eles: ‘*mudinho, mudinho, mudinho*’
Me casei, tive filho, e eles: ‘*mudinho, mudinho, mudinho*’
Eu envelheci, me cansei, me curvei, e eles: ‘*mudinho, mudinho, mudinho*’
Mudinho? Não, meu nome é Edinho, porra.

Ao analisar os versos e suas *performances*, percebe-se que “O Mudinho”, de Edinho Poesia, constitui uma contundente denúncia contra o apagamento identitário e linguístico da pessoa surda na sociedade ouvinte. Por meio da *performance* em Libras, o poeta ressignifica o termo pejorativo “mudinho”, usado para se referir a ele, transformando o silêncio imposto em uma enunciação visual expressiva e politicamente engajada. A obra promove reflexão crítica sobre o capacitismo estrutural e evidencia que o corpo negro surdo não é desprovido de voz, mas repleto de sentidos e narrativas que merecem ser vistas e legitimadas. Dessa forma, Edinho não apenas denuncia a opressão, mas também afirma a Libras como língua de arte e resistência, inspirando o letramento crítico e poético de indivíduos surdos, especialmente crianças, que encontram na obra a representatividade necessária para reconhecer sua própria potência discursiva.

O contato de alunos surdos com essa obra, se conduzido pedagogicamente, pode propiciar aproximação por afinidade ao contexto apresentado e representado por Edinho, sendo capaz de desenvolver nela autonomia crítica ao perceber que o capacitismo e outras formas de opressão não podem ser naturalizadas e devem ser questionadas. Além disso, é possível trabalhar a consciência linguística, mostrando a Libras como língua plena e legítima e reforçando que a surdez não significa ausência de linguagem, mas a presença de outra forma de expressão, que pode ser artística e política. A obra ainda possibilita compreender a Libras não apenas como meio de comunicação, mas como protagonista da arte e da reflexão, reconhecendo a subjetividade surda e fortalecendo as identidades linguísticas e culturais dos alunos.

Adicionalmente, o texto pode inspirar a criatividade das crianças como poetas performáticos. Ao se aproximarem do modelo de slam, podem criar suas próprias obras, entendendo que a poesia também lhes pertence e integra a cultura à qual fazem parte. Desse modo, o estudo das interseccionalidades do sujeito surdo requer compreender como diferentes marcadores sociais (*e.g.* gênero, classe, raça e deficiência) se articulam na produção de experiências únicas de opressão e resistência, o que pode ser debatido a partir da biografia de Edinho Poesia, com enfoque para a relação entre língua e raça.

No contexto educacional bilíngue, em que Libras e Português são mobilizados como línguas de instrução, essas interseccionalidades tornam-se particularmente visíveis, revelando não apenas barreiras institucionais e sociais, mas também trajetórias de empoderamento linguístico e cultural. Portanto, o sujeito surdo, ao navegar por essas dimensões, pode obter insumos que evidenciem que sua identidade não é unívoca, mas composta por múltiplas dimensões que influenciam tanto o acesso à educação quanto a apropriação de formas de expressão artística e discursiva na sociedade.

Nesse cenário, o slam surdo se apresenta como um espaço de letramento crítico e performativo, no qual a produção poética permite a articulação das experiências interseccionais do sujeito. Ao performar em Libras, os poetas surdos manifestam narrativas pessoais e coletivas, na medida em que contestam o capacitismo e outras formas de opressão e transformam a linguagem em ferramenta de visibilidade e resistência. O evento de slam, portanto, pode se tornar uma prática pedagógica capaz de ampliar o repertório linguístico, estimular a consciência crítica sobre identidades múltiplas e consolidar a percepção da Libras como língua legítima, artística e política, integrando-se às dinâmicas do ensino bilíngue.

Além disso, a participação em slams promovidos no ambiente escolar pode oferecer aos estudantes surdos oportunidades de reconhecimento e valorização de suas vozes, fortalecendo a autoestima, a criatividade e a agência comunicativa. Em práticas pedagógicas bilíngues, tais eventos podem ser incorporados como estratégias de letramento que promovem, a um só tempo, competências linguísticas e reflexões sobre direitos linguísticos, representatividade cultural e justiça social. Nesse sentido, o slam constitui-se como um dispositivo de formação crítica aliado às concepções de currículo pós-coloniais (Silva, 2016), no qual o sujeito surdo se posiciona simultaneamente como autor, intérprete e agente de transformação social, revelando a complexidade e a riqueza das inter-

seccionalidades que atravessam sua experiência educativa e sociocultural.

5. Considerações finais

A partir das reflexões desenvolvidas, endossamos que o slam surdo representa uma prática pedagógica potente quanto à promoção de transformações sociais, educacionais e subjetivas, sobretudo entre crianças surdas inseridas em contextos escolares bilíngues e marginalizados. Ao articular a *performance* poética com a Libras e com experiências sociais dos sujeitos surdos interseccionais por marcadores como raça, classe e deficiência, o slam pode ir na direção do rompimento com modelos de ensino excludentes e impulsionar o desenvolvimento do letramento crítico e da expressão poética do aluno surdo.

Produções como o poema-performance “O Mudinho”, de Edinho Poesia, demonstram que o corpo surdo é capaz de narrar suas vivências, denunciar injustiças e ressignificar o silêncio imposto historicamente, revelando-se como um agente educador e politizador desde a infância. Assim, práticas como o slam permitem que crianças surdas acessem uma linguagem estética que respeite as suas formas de expressão, reafirmem sua identidade cultural e desenvolvam consciência crítica. Por isso, defendemos que, no contemporâneo, o slam surdo ultrapassa os limites da arte e assume um papel essencial na formação de uma educação democrática, inclusiva e comprometida com o reconhecimento das singularidades linguísticas e culturais da comunidade surda.

Por fim, destacamos que o ensino de literatura em Libras assume papel fundamental na formação cultural, linguística e identitária de estudantes surdos, uma vez que proporciona o acesso a narrativas, valores e experiências que fortalecem a consciência de sua própria língua e cultura. Por meio da literatura em Libras, os alunos podem desenvolver habilidades de compreensão e produção textual visual-gestual e ampliar o repertório linguístico e expressivo, ao mesmo tempo em que encontram representatividade e modelos de subjetividade surda.

Além disso, a literatura permite explorar dimensões estéticas e críticas, o que estimula o pensamento reflexivo, a criatividade e o letramento poético, enquanto reafirma a Libras como uma língua plena, capaz de transmitir sentidos complexos e artísticos. Nesse contexto, o ensino de literatura em Libras contribui para a valorização da identidade surda e

fortalece a construção de espaços educativos bilíngues inclusivos, nos quais a diversidade linguística e cultural é reconhecida e celebrada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004 [1995]. p. 169-91

CARVALHO, Daniel. Literatura surda: o que é? Por uma teoria da literatura surda. *Revista Diálogos*, Maringá, v. 2, n. 2, p. 66-83, dez. 2014.

DIREÇÃO DA FACULDADE DE LETRAS. *O Mudinho* [vídeo]. YouTube, 19 jun. 2018. 2 min. 09 s. Disponível em: <https://youtu.be/bl4-k4YqkCw>. Acesso em: 28 jun. 2025.

HEINZELMAN, Renata. *Pedagogia cultural em poemas da Língua Brasileira de Sinais*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

KARNOPP, L. B. Literatura Surda. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 98-109, jun. 2006.

LANE, H. *A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1992.

LOPES, M. C. *Surdez e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MATTOS, Greyd Cardoso. Políticas nacionais de inclusão educacional com ênfase na in(ex)clusão do surdo na escola regular. *Rein-Revista Educação Inclusiva*, v. 8, n. 1, p. 102-16, 2023.

MORENO, Lucan Fernandes; GUI SANTES, Leonardo Sinckiewicz Carrera; CELLA, Thiana Nunes. Antônio Candido e Paulo Freire: o direito a uma prática literária em sala de aula. *Letras Em Revista*, v. 15, n. 2, 2024.

NASCIMENTO, João Paulo da Silva; BAALBAKI, Angela Corrêa Ferreira; ANACHORETA, Vanessa Gomes Teixeira. Discursos e ideologias sobre o sujeito surdo: uma análise materialista de redações do Enem (2017). *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 33, n. 1, p. 7-36, 2025.

NASCIMENTO, João Paulo da Silva. Histórias e multiplicidade de línguas de sinais: reflexões necessárias. *Revista E-Scrita (Uniubeu)*, v. 16, 2025.

_____; NORET JR, Fabio Carlos; SILVA, Alexandre Alves da; FREITAS, Janaína Cesário de; SOUZA, Joelle Regina Pinheiro. Silêncio ressonante: O slam como manifesto pela singularidade surda. *Revista Philologus*, v. 31, n. 91, p. 149-61, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2025.

_____; _____; _____; MATTOS, Brunna de Oliveira; NASCIMENTO, Diana Cristina Dantas da Motta do. Literatura contemporânea em língua de sinais: análise do poema-performance “submergir no mundo”, de Paulo Andrade. *Revista Philologus*, v. 30, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2024.

NOBRE, Rundesth Saboia. *A Educação de Surdos e Alfabetização em Escrita de Sinais*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

SACKS, Oliver [1983]. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Companhia das Letras, 2010.

SANTOS, Rhaul de Lemos; GRIGOLOM, Gabriela; MEDEIROS, Jonas. Slam resistência surda – Curitiba: movimento e poesia. *Revista Espaço*, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SKLIAR, C. Os Estudos Surdos em educação: problematizando a normalidade. In: _____. *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2013, p. 7-32.

SUTTON-SPENCE, Rachel. *Literatura em Libras*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2021.

_____; KANEKO, Michiko. *Introducing Sign Language Literature: Creativity and Folklore*. Basingstoke: Palgrave Press, 2016.

STROBEL, Karin. *História da educação de surdos*. Florianópolis: UFSC, 2009.